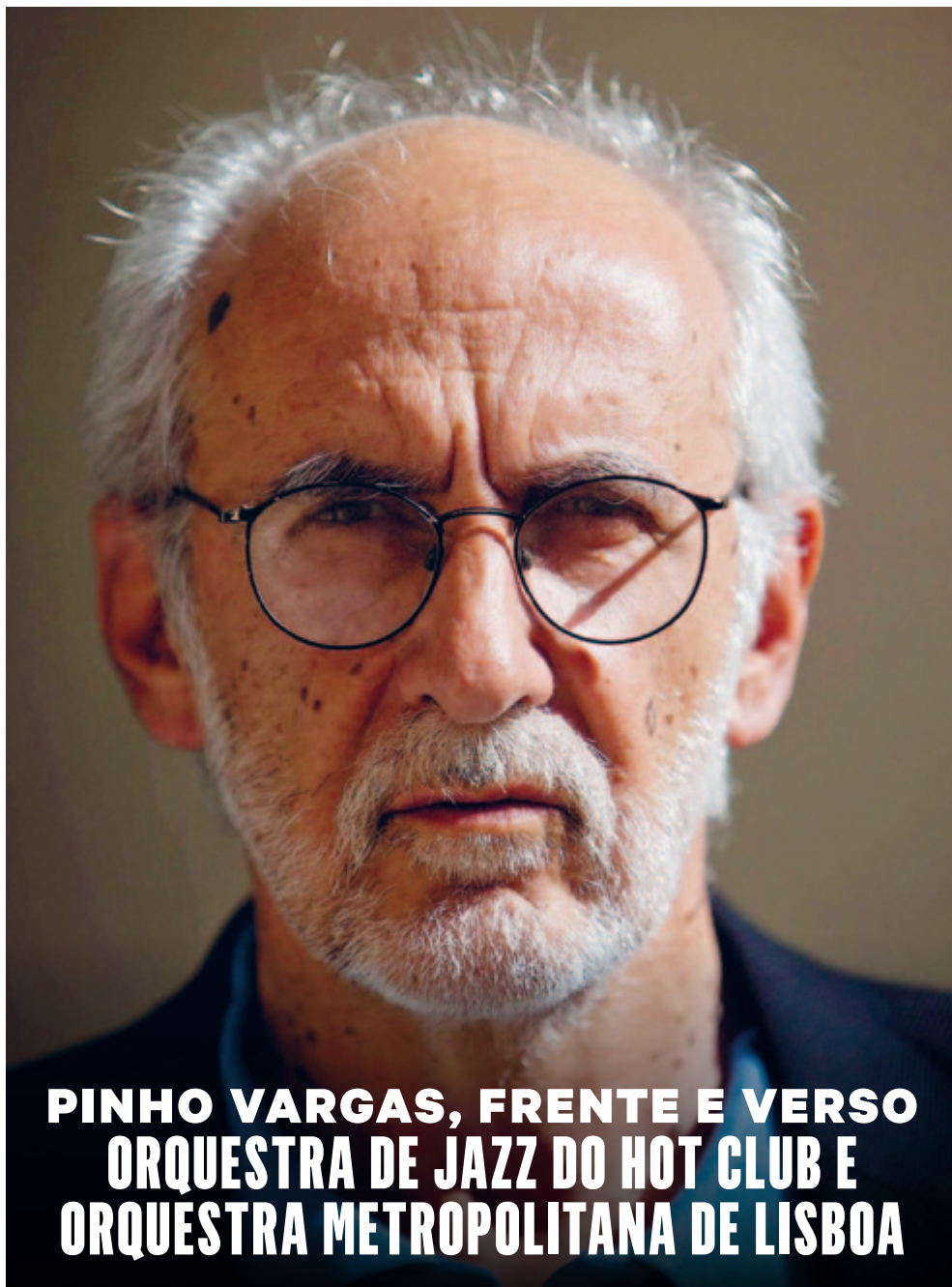


SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

13 A 15 MAR



**PINHO VARGAS, FRENTE E VERSO
ORQUESTRA DE JAZZ DO HOT CLUB E
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA**

SEXTA E SÁBADO ÀS 21H00

DOMINGO ÀS 17H30

SALA PRINCIPAL; M/6

€12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50)

DURAÇÃO: 1H40 (COM INTERVALO)

PROGRAMA

1.ª Parte

Música de jazz de António Pinho Vargas

Orquestra de Jazz do Hot Club
Direção musical: Luís Cunha

Dança dos Pássaros (arranjos de Luís Cunha)
Vilas Morenas (arranjos de Luís Cunha)
General Complex (arranjos de César Cardoso)
Lá Corazón (arranjos de César Cardoso)
Tom Waits (arranjos de Tomás Pimentel)
Do Cinema (arranjos de Óscar Graça)



© Metropolitana / Bruno Gil

2.ª Parte

Música orquestral de António Pinho Vargas *

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Narrador: Marcello Urgeghe
Maestro: Wolfgang Lischke

Duas Peças
Um Discurso de Thomas Bernhard
Overtures and Closures



© Hot Club de Portugal

* Artista Associado Metropolitana 2014/15

CO-PRODUÇÃO:
ORQUESTRÁ METROPOLITANA DE LISBOA
HOT CLUB DE PORTUGAL
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

FRENTE E VERSO

ANTÓNIO PINHO VARGAS

Neste último concerto com obras minhas na temporada 2014-2015 na qual fui um dos artistas residentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa terá lugar uma espécie de auto-retrato das duas vertentes principais da minha vida criativa. O título *Frente e Verso* justifica-se plenamente, embora de facto também pudesse ser *Antes e Depois*. Ao contrário de visões universalistas da música que não partilho, julgo que na verdade, as duas facetas estão, com maior ou menor clareza, divididas no tempo, apesar de as suas fases de aprendizagem terem ocorrido com um início simultâneo. Mas eram duas aprendizagens. Todas as músicas (mais de 50) que compus para os meus grupos de *jazz* foram compostas *grosso modo* entre finais dos anos 1970 e inícios dos anos 1990. O *jazz* é uma música que tem a sua própria tradição, a sua própria razão de ser cultural, os seus próprios espaços públicos, uma crítica especializada, uma história distinta e até modos de aprendizagem musical distintos da música europeia da tradição erudita escrita. No meu caso como no de bastantes outros músicos, especialmente pianistas, a aprendizagem ocorreu em paralelo. Mas de facto enquanto o *jazz* e os seus vários derivados tem o centro da aprendizagem na improvisação própria dessa linguagem musical, oriunda dos afro-americanos e com larga expansão durante o século XX, tendo sido em boa parte uma música que foi transmitida e transformada pela tradição oral usando um meio tecnológico moderno: os discos. Pelo contrário, a música da tradição erudita, com cerca de 1000 anos de existência deve a sua sobrevivência histórica até hoje ao suporte *escrito*. Em particular os seus últimos 200 anos, assistiu à criação de um cânone musical específico, construído durante os séculos XIX e XX, ocupando hoje esse conjunto de “grandes obras” e de “grandes nomes” cerca de 90 por cento dos repertórios das salas de concertos do mundo da chamada “música clássica”. Estas diferenças de vários tipos foram-se tornando cada vez mais claras durante a minha fase de aprendizagem. Assim sendo, percebi que ser capaz de tocar uma Sonata de Mozart não me permitia improvisar, por si só, nem ter tomado conhecimento da prática da improvisação me permitia tocar ou ainda menos compôr uma obra de Bartók. A diferença principal reside na transmissão pela via dos antigos conservatórios baseada no estudo de partituras, como disse, tendo como veículo a *escrita* e, no outro caso, baseada antes de mais nada na *audição* de muitos aspectos que transcendem a escrita.

Deste modo o Frente e o Verso têm um significado temporal no meu caso pessoal. Entre 1980 e 1990 estava fortemente empenhado na prática do meu grupo de *jazz* – mesmo considerando que a certa altura fui capaz de compôr a

minha própria música, cuja inserção na designação *jazz* pôde ser sempre objeto de discussão, questão que a distância de 40 anos fez perder importância – enquanto que pelo contrário, a partir da estadia na Holanda entre 1987 e 1990 gradualmente o meu esforço e a minha energia foi-se desviando para a chamada “música contemporânea” (na qual compus até hoje mais de outras 50 obras). Uma transição deste tipo, uma reencarnação, não é comum, em primeiro lugar, na idade em que ocorreu nem, em segundo lugar, tendo já tido a sorte de ter 6 discos gravados, não contando com os 3 que já tinha gravado com Rão Kyo nos anos 1970 e obtido um certo destaque público. Creio que se não é caso único será mesmo muito raro.

Por vezes usei o termo pessoano de *heteronímia*, uma vez que esta história de vida que me calhou em sorte não apenas não é muito habitual, como a sua mera existência não pode acontecer senão após duas longas aprendizagens, um longo período e um longo esforço, quando não de resistências de vária ordem, próprias da rigidez dos campos culturais e das suas divisões em categorias e dos seus preconceitos muito enraizados. As categorias existem no campo social, nos públicos e nos estudiosos e muitas vezes traduzem-se pela criação de obstáculos simbólicos ou reais àqueles cuja inquietude impede a assunção de uma raiz fixa com corte implícito de outras *opções*. Esta dialéctica de *raízes e opções* foi contrariada não por um qualquer plano prévio que tenha tido, mas por uma inexorável progressão da *inquietude* como traço marcante. Ainda hoje, aos 63 anos, se verifica.

As 3 obras que constituem a segunda parte do concerto pertencem a duas fases temporais. As *Duas Peças* para orquestra de cordas foram compostas em 1991 e 1994. A sua junção, em versão de Orquestra de Cordas, ocorreu em 2000. *Um discurso de Thomas Bernhard* (2007) estreou no CCB pela Orquestra Metropolitana que a encomendou, e foi executada na Áustria no ano seguinte na versão em língua alemã, sob os auspícios da Associação Thomas Bernhard e segundo Michael Zilm, o seu maestro, recebida com enorme entusiasmo. Ainda hoje lamento não ter podido estar presente. *Overtures and Closures* (2010) estreada em Guimarães Capital Europeia da Cultura em 2010, são obras mais recentes, tendo a última referida aqui a sua segunda execução.

Agradeço sinceramente à Orquestra Metropolitana esta minha residência nesta temporada 2014-2015.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

A Orquestra Metropolitana de Lisboa estreou-se no dia 10 de Junho de 1992. Desde então, os seus músicos asseguram uma intensa actividade na qual a qualidade e a versatilidade têm presença constante, permitindo abordar géneros diversos, proporcionando a criação de novos públicos e a afirmação do carácter inovador do projecto AMEC | Metropolitana, de que esta orquestra é a face mais visível.

Nos programas sinfónicos, jovens intérpretes da Academia Nacional Superior de Orquestra juntam-se à Metropolitana, cuja constituição regular integra já músicos formados nesta escola, sinal da vitalidade da ponte única que aqui se faz entre a prática e o ensino da música. Este desígnio, que distingue a identidade da Metropolitana, por ser exemplo singular no panorama musical internacional, complementa-se com a participação cívica, que se traduz na apresentação frequente em concertos de solidariedade e eventos públicos relevantes. Cabe-lhe, ainda, a responsabilidade de assegurar uma programação regular junto de várias autarquias da região centro e sul, para além de promover iniciativas de descentralização cultural por todo o país.

Desde o seu início, a Metropolitana é referência incontornável do panorama orquestral nacional.

Um ano após a sua criação, apresentou-se em Estrasburgo e Bruxelas. Deslocou-se depois a Itália, Índia, Coreia do Sul, Macau, Tailândia e Áustria. Em 2009 tocou em Cabo-Verde, numa ocasião histórica em que, pela primeira vez, se fez ouvir uma orquestra clássica no arquipélago. No final de 2009 e início de 2010, efectuou uma digressão pela China. Mais recentemente, por ocasião do seu vigésimo aniversário, a Metropolitana regressou à capital belga.

Tem gravados onze CD – um dos quais disco de platina – para diferentes editoras, incluindo a EMI Classics, a Naxos e a RCA Classics.

Ao longo destas duas décadas, colaborou com inúmeros maestros e solistas de grande reputação no plano nacional e internacional, de que são exemplos os maestros Christopher Hogwood, Theodor

Guschlbauer, Michael Zilm, Arild Remmereit, Nicholas Kraemer, Lucas Paff, Victor Yampolsky, Joana Carneiro e Brian Schembri ou os solistas Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Cura, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Natalia Gutman, Gerardo Ribeiro, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel, Thomas Walker e Mark Padmore, entre outros.

A Direcção Artística da Orquestra Metropolitana de Lisboa é, desde Julho de 2013, assegurada pelo maestro e compositor Pedro Amaral.

MAESTRO WOLFGANG LISCHKE

Desde a sua estreia no FestSpiele de Salzburgo, em 2006, Wolfgang Lischke destacou-se como um dos maestros mais promissores da nossa geração. Lischke nasceu no ano de 1970, em Munique na Alemanha, onde também estudou piano e trombone e, mais tarde, direcção de orquestra. Em 1988 completou o Mestrado em Música com a máxima classificação. Depois de colaborar com algumas casas de ópera, foi indicado por Roban Kofman para assistente de direcção musical de uma casa de renome, a Ópera de Bona. Durante a sua permanência em Bona, tornou-se responsável por todo o repertório musical do teatro. De entre os seus maiores projectos, enquanto director musical, destacam-se *Sonho de uma Noite de Verão* de Britten (encenação de Silviu Porcarete), *Orfeu ed Euridice* de Gluck (encenação de Dietrich Hilsdorf), *Fausto* de Gounod (encenação de Vera Nemirova), *Freax* de Moritz Eggert (estreia mundial com encenação de Christoph Shliengensief), *L'italiana in Algeri* de Gioachino Rossini (encenação de Andrea Schwalbach) e *Die Irre (Os Loucos)* de Jan Müller-Wieland (estreia mundial com encenação de Werner Schröter). A música contemporânea também é uma das vertentes mais importantes da carreira de Lischke. Desde 2003, é o curador musical da série de óperas experimentais *Bonn Chance*, co-produzida pela Ópera de Bona e pelo Ministério da Cultura da República Federal

da Alemanha – onde dirigiu algumas representações em cooperação com o ensemble de música moderna Musikfabrik (Fábrica de Música).

Peter Eötvös, de quem Lischke foi assistente por diversas vezes, apresentou-o a Karlheinz Stockhausen e, em resultado disso, passou a trabalhar repetidas vezes com o músico alemão. Lischke foi internacionalmente aplaudido pela estreia mundial de *Mixtur* de Stockhausen (versão de 2003), ocasião em que dirigiu a Orquestra Sinfónica de Berlim no *Festspiele* de Salzburgo, em 2006. Entretanto, já se apresentou à frente das orquestras Sinfónica de Berlim, por numerosas vezes, da RKF de Amesterdão e da Filarmónica da Rádio de Hilversum. Trabalhou igualmente com a Sinfónica da Rádio de Viena, a WDR de Colónia, a Orquestra Beethoven de Bona, a Sinfónica de Wuppertal, a Filarmónica de Rostock, a Sinfónica de Munique e com vários outros *ensembles*, como o Ensemble Intercontemporain, o Ensemble Modern, o Ensemble Musikfabrik, o Ensemble Recherche e o Ensemble Plurale.

Desde 2009, Wolfgang Lischke trabalha como *freelancer* por toda a Europa, mas mantém contacto regular com a Ópera de Bona, na qualidade de maestro convidado.

MARCELLO URGEGHE

Nasceu em Roma em 1966. Vive e trabalha em Lisboa.

Desenvolve o seu trabalho de actor no Cinema e no Teatro.

É co-fundador de Cão Solteiro Teatro, companhia que criou espectáculos com a dramaturgia e literatura de Wallace Shawn, Harold Pinter, Tchekov, Samuel Beckett, Michaux, Calvino, Patricia Highsmith, Edgar A. Poe e Herberto Helder entre outros autores, em colaboração com Nuno Carinhas, Rogério de Carvalho e Miguel Loureiro.

Colaborou em espectáculos do Teatro Praga.

No cinema colaborou em filmes de José Álvaro de Moraes, Teresa Villaverde, João Canijo, João Botelho, José Nascimento, Catarina Ruivo, Bruno de Almeida, Valeria Sarmiento, Margarida Leitão e Paulo Belém entre outros realizadores.

HOT CLUB DE PORTUGAL

Instituição de Utilidade Pública

Prémio Almada Negreiros 2001

Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura

Medalha de Honra da Cidade de Lisboa

ORQUESTRA DE JAZZ DO HCP

A Big Band do Hot Club de Portugal surgiu em 1991, reunindo alguns dos melhores músicos de *jazz* nacionais. No seu concerto de estreia no Teatro São Luiz, em Lisboa, foi dirigida por Zé Eduardo tendo sido, depois, dirigida, por Pedro Moreira e, desde 2011, pelo Maestro Luís Cunha.

Ao abrigo de protocolos com a antiga Secretaria de Estado da Cultura e o actual Ministério da Cultura, apresentou-se em dezenas de autarquias.

Inaugurou a programação de *jazz* da Culturgest, tendo como solista convidado o trompetista Freddie Hubbard. Tocou também com Benny Golson, Curtis Fuller e Eddie Henderson, com quem gravou um CD para a Polygram.

Apresentou-se no festival Jazz em Agosto da Fundação Gulbenkian em 1995. No mesmo festival apresentou-se em 1999 no centenário de Duke Ellington com a participação dos saxofonistas Mark Turner e John Ellis. Recriou as obras de Miles Davis/Gil Evans *Porgy and Bess* e *Sketches of Spain*, sob a direcção do maestro Bob Sadin, tendo como solistas Tim Hagans e Tom Harrell.

Realizou uma digressão nacional produzida pela Culturgest com o patrocínio da Caixa Geral de Depósitos. Em 2000 apresentou-se em Madrid no prestigiado Círculo de Belas Artes.

Participou em vários festivais de *jazz* como o do Porto, o de Guimarães, o de Coimbra, Lisboa em Jazz, Jazz no Parque (Serralves), Jazz em Agosto, Festa do Avante, Angra Jazz, Funchal Jazz, Festa do Jazz (Teatro São Luiz), entre outros.

Apresentou-se em 2007 na Assembleia da República.

Em Junho/Julho de 2008, a Big Band HCP desenvolveu, em conjunto com a cantora Marta Hugon, e a convite do São Luiz Teatro Municipal, um concerto de *standards* dos anos 40, que desafiou o público a dançar no

Jardim de Inverno recriando assim o ambiente dos *Ballroom* desta época.

Em 2008, ano em que o Hot Club de Portugal comemorou 60 anos de existência, desenvolveu um projecto com Mário Laginha e Maria João, com um repertório contemporâneo da autoria do pianista Mário Laginha. Apresentou este espectáculo no Cinema S. Jorge (Lisboa), Centro de Artes e Espectáculos (Figueira da Foz), no Festival da Alta Estremadura (Leiria), Cine-Teatro da Nazaré, no Centro Cultural Vila-Flor (Guimarães) e no Auditório Municipal – Fórum Cultural do Seixal. Participou no Concerto de Celebração da Assinatura do Tratado de Lisboa, na Expo, em Novembro de 2009. Participa desde 2011 no Ciclo *A Arte da Big Band* produzido pela EGEAC, empresa pública que organiza as festas de Lisboa.

Abriu em Maio de 2013 o Festival de Jazz do Estoril e apresentou-se na Festa do Avante em Setembro do mesmo ano.

A orquestra realiza um concerto por mês no Hot Club de Portugal na Praça da Alegria, desde o início de 2012, tendo trabalhado diversos repertórios desde Duke Ellington, Count Basie, Thad Jones, Charles Mingus, Bob Brookmeyer, Maria Schneider, Perico Sambeat, John Hollenbeck, Kenny Wheeler, entre outros.

No decorrer de 2014 tocou no Festival de Jazz de Mora, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, concerto de homenagem a Bernardo Sasseti com música do pianista/ compositor.

Realizou em Setembro um dos concertos do ciclo *A Arte da Big Band* da EGEAC no jardim do Arco do Cego e em Outubro apresentou no auditório Vianna da Motta o *Sacred Concerts* de Duke Ellington com o coro de 60 elementos Chor St Johannis de Hamburgo.

MAESTRO LUÍS CUNHA

Nascido em Lisboa em 1984. Inicia os seus estudos com 9 anos de idade no CFIS's – Centro de Formação de Instrumentistas de Sopro do Barreiro. Em 1999 ingressa a Escola Profissional de Música de Almada onde estuda trombone com o professor Emídio Coutinho. Em 2008 ingressa o Curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa. Toca regularmente com o Septeto do Hot

Club de Portugal – Pedro Moreira, João Moreira, Claus Nymark, Bruno Santos, Rodrigo Gonçalves, Bernardo Moreira, André Sousa Machado e com esta formação gravou um CD para a editora TOAP Records em 2009.

É membro da Orquestra do Hot Club de Portugal desde 2002, tocando com grandes nomes do jazz nacional, tal como com os solistas convidados: Perico Sambeat, Jesus Santadreu, Chris Cheek, Marc Miralta, entre outros. Tem tocado com Afonso Pais, Jorge Reis, Nelson Cascais, Tomás Pimentel, Jorge Reis, Nuno Ferreira, Yuri Daniel, Alexandre Frazão, João Paulo Esteves da Silva, Júlio Resende, Carlos Bica, João Lobo (Happening), Mário Laginha, Maria João, Bernardo Sasseti, entre outros.

Faz parte de diversas formações: Orquestra do Hot Club, LUME – Lisbon Underground Music Ensemble, Tora Tora Big Band, Bruno Santos 10to e co-lídera o projecto *7 Cenas de Imyra* com Afonso Pais e Tomás Pimentel, como músico e arranizador. Integrou as bandas e gravou com vários nomes da música portuguesa, entre os quais se destacam Sérgio Godinho, José Mário Branco, Fausto, Vitorino, Tito Paris, Carlos do Carmo, Pedro Abrunhosa. Lecciona na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas/Hot Club de Portugal, Escola JB Jazz, e Conservatório de Música da Jobra, onde exerce as funções de professor de Instrumento (Trombone), Treino Auditivo e Combo. Leccionou também em *workshops* como: Festival de Jazz da Alta Estremadura, Leiria e Marinha Grande; Festival Lagos Jazz, Sobral Jazz e o Projecto Orquestra Geração.

Actualmente exerce o cargo de director musical da Orquestra do Hot Club de Portugal.

**ORQUESTRA
METROPOLITANA DE LISBOA**

Flautas
Nuno Inácio
Janete Santos
Oboés
Luis Auñón Pérez
Nelson Alves *
Clarinetes
Nuno Silva
Jorge Camacho
Fagotes
Catherine Stockwell *
Rafaela Oliveira **
Trompas
João Gaspar **
Jérôme Arnouf
Simão Fonseca **
Rúben Isidoro **
Trompetes
Sérgio Charrinho
Rui Mirra
Trombones
Reinaldo Guerreiro ***
João Canelas **
Tuba
Adélio Carneiro **
Timpanos
Fernando Llopis
Percussão
Marco Fernandes *
Luis Cascão *
Harpa
Ana Isabel Dias *
1.ºs Violinos
Ana Pereira *concertino*
Alexei Tolpygo
Diana Tzonkova
Carlos Damas
Liviu Scripcaru
Romeu Madeira ***
Ana Filipa Serrão ***
César Nogueira ***
2.ºs Violinos
Ágnes Sárosi
José Teixeira
Anzhela Akopyan
Daniela Radu
Elena Komissarova
Lyza Valdan***
Micaela Sousa*
Sara Llano*
Violas
Irma Skenderi
Valentin Petrov
Andrei Ratnikov
Joana Cipriano *
Joana Tavares **
Chiara Antico *
Violoncelos
Jian Hong
Ana Cláudia Serrão
Ricardo Ferreira *
Ana Ferreira Conceição **
Catarina Kopitz **
Hugo Estaca **
Contrabaixos
Ercole de Conca
Vladimir Kouznetsov
Bruna Domingues ***

* Convidado

** Aluno da Academia Nacional Superior de Orquestra

*** Ex-Aluno da Academia Nacional Superior de Orquestra

HOT CLUB DE PORTUGAL

Presidente
Inês Homem Cunha
Direção musical
Luis Cunha
Produção
Pedro Nobre

**ORQUESTRA DE JAZZ
DO HOT CLUBE DE PORTUGAL**

Alto / Soprano Sax
Ricardo Toscano
Sax Alto / Clarinete / Flauta
Daniel Vieira
Sax Tenor / Clarinete / Flauta
César Cardoso
Mateja Dolsak
Sax Barítono / Clarinete Baixo
Paulo Gaspar

Trombone
Lars Arens
Xavier Ribeiro
Rúben da Luz
Trombone Baixo
Diogo Costa

Trompeta / Flugel
Diogo Pedro
Johannes Krieger
Gonçalo Marques
Tomás Pimentel
Luis Cunha

Guitarra
Nuno Costa
Piano
Óscar Graça
Contrabaixo
António Quintino
Bateria
Pedro Felgar

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Direção Artística
Direção Executiva
Aida Tavares
Programação Mais Novos
Susana Duarte
Adjunta Direção Executiva
Margarida Pacheco
Secretariado de Direção
Olga Santos
Direção de Produção
Tiza Gonçalves (Directora)
Susana Duarte (Adjunta)
Mafalda Sebastião
Margarida Sousa Dias
Direção Técnica
Hernâni Saúde (Director)
João Nunes (Adjunto)
Iluminação
Carlos Tiago
Ricardo Campos
Ricardo Joaquim
Sérgio Joaquim
Maquinistas
António Palma
Cláudio Ramos
Paulo Mira
Vasco Ferreira
Som
Nuno Saías
Ricardo Fernandes
Rui Lopes
Secretariado Técnico
Sónia Rosa
Direção de Cena
José Calixto
Maria Távora
Marta Pedroso
Ana Cristina Lucas (Assistente)
Direção de Comunicação
Ana Pereira (Directora)
Elsa Barão
Nuno Santos
Design Gráfico
Silva Designers
Bilheteira
Cidalina Ramos
Hugo Henriques
Soraia Amarelinho
Frente de Casa
Letras e Partituras
Coordenação
Carla Pignatelli
Inês Macedo
Assistentes de Sala
Carolina Serrão
Domingos Teixeira
Filipa Matta
Helena Malaquias
Hernâni Baptista
Inês Garcia
João Cunha
Sara Fernandes
Sara Garcia
Sofia Martins
Carlos Ramos (Assistente)
Segurança
Securitas
Limpeza
Astrolimpa